

Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta



Emiliana Faria Rosa (Org.)


Diálogos

Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta

Emiliana Faria Rosa (Org.)



Diálogos

TUTÓIA - 2022

EDITOR-CHEFE

Geison Araujo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)

Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)

Diógenes Cândido de Lima (UESB)

Jailson Almeida Conceição (UESPI)

José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)

Joseane dos Santos do Espirito Santo (UFAL)

Julio Neves Pereira (UFBA)

Juscelino Nascimento (UFPI)

Lauro Gomes (UPF)

Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI)

Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)

Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB)

Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)

Meire Oliveira Silva (UNIOESTE)

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

Rosangela Nunes de Lima (IFAL)

Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)

Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)

Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Copyright © Editora Diálogos - Alguns direitos reservados
Copyrights do texto © 2022 Autores e Autoras



Esta obra está licenciado com uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta obra pode ser baixada, compartilhada e reproduzida desde que sejam atribuídos os devidos créditos de autoria. É proibida qualquer modificação ou distribuição com fins comerciais. O conteúdo do livro é de total responsabilidade de seus autores e autoras.

Capa: Helenne Schroeder Sanderson
Diagramação: Beatriz Maciel
Revisão: Autoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M956
Mulheres: vivências e histórias que o lattes não conta
/ Organizadora Emiliana Faria Rosa – Tutóia, MA: Diálogos,
2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-89932-62-8

1. Literatura 2. Pesquisa Acadêmica 3. Mulher I. Título

CDD 800

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

 <https://doi.org/10.52788/9786589932628>



Diálogos

Editora Diálogos

contato@editoradialogos.com
www.editoradialogos.com

DE REPENTE, AUTISTA!

Maria Cristina Pires Pereira

DOI: 10.52788/9786589932628.1-6

Não sei bem como começar este texto, mas é bom que os leitores saibam que este não é um artigo acadêmico, apesar de algumas citações e referências nesse estilo para contextualizar o assunto, nem um manifesto de militância. É um texto pessoal, quase um depoimento pois, na minha vida dentro e fora do Lattes, um fator que sempre conduziu como eu sou é ser autista, mesmo só tendo conseguido esta confirmação depois dos cinquenta anos de idade.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical¹.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Portanto, não esperem uma aula didática sobre o que é, classificações, as linhas que existem ao abordar o autismo e outras questões que podem ser consultadas em uma boa pesquisa na Internet. No decorrer do texto, vou colocar algumas fontes e sintam-se livres para investigar, se quiserem, embora nem todas sejam confiáveis, nem mesmo as médicas. Leia, mas seja bem crítico, se você se decidir a fazer isto. Na verdade, este é o primeiro passo das pessoas que são reconhecidas como autistas na vida adulta: procurar informações. E é um assunto tão novo e desconhecido que existem muitas afirmações desencontradas. Novo, no sentido de que a área

1 Agradecimentos: 1. Theresa Scovil, cartunista, que autorizou o uso das imagens de alguns de seus desenhos; 2. Kemi Oshiro Zardo (ovniacessibilidade@gmail.com), audiodescritora, que gentilmente fez a descrição das imagens dos cartuns.

2 Tradução livre, dos textos dos quadrinhos, por Maria Cristina Pires Pereira.

médica está constantemente inserindo, excluindo e agrupando traços e características, causando, em minha opinião, mais confusão e discussões que não contribuem para uma melhoria efetiva na qualidade de vida dos autistas.

Neste texto, não vou seguir a máxima acadêmica que herdei de minha orientadora de mestrado e coorientadora de doutorado, “guie o leitor pela mão”, mas forneço um mapa.

Tímida? Não. Reservada? Pode ser. Introversa? Sim. Autista? AHN?!

“Transtorno são os outros.”

- Tony Attwood (segundo Ana Parreira)

Sempre fui tida, pelos outros, como uma pessoa estranha. Desde criança, eu sabia que era diferente. Meus pais me contaram que só falei ao redor dos dois anos de idade, mas aprendi a ler rapidamente. Sempre fui voltada ao meu mundo interior e os detalhes me cativam. Era menina que vivia no quarto, embaixo da cama e nos porões, nunca tive problemas em brincar sozinha, mas, ao mesmo tempo, gostava de brincadeiras de correria para gastar muita energia, apesar de que eu caía frequentemente. Tinha questionamentos muito mais complexos do que as crianças de minha faixa etária; passei a infância lendo os dicionários e enciclopédias que tinha em casa e várias outras inúmeras peculiaridades. Minha mãe achava que havia alguma coisa errada comigo e passei parte da infância escutando “essa gurria não é certa!”.

Na adolescência, meu interesse pela leitura se intensificou e lia, semanalmente, um ou dois livros pelo empréstimo domiciliar de

bibliotecas; quando entrei no ensino médio, no curso técnico de tradutor e intérprete, reli os dicionários de inglês e fiz um novo, à mão, de acordo com minhas necessidades; nunca andei em grupos grandes, tinha um pequeno e seletivo grupo de amigas, claro, as estudiosas da turma.

Minha entrada na vida adulta não mudou o fato de que minha vida interior sempre foi intensa, diversa, um mundo muito mais interessante do que a vida exterior. Nunca entendi por que as pessoas consideram que ficar sozinha é um castigo, o que deve ser horrível é não conseguir se alegrar com a própria companhia. Minha dedicação a qualquer assunto que me interesse, vira um tema que eu acabo tendo muito conhecimento, pois fico quase obcecada quando me decido a aprender ou entender alguma coisa. E, ainda, não compreendo muito bem as intenções, motivações ou atitudes dos outros. Pessoas são “altamente ilógicas”, como diria o personagem Spock³.

Todos estes traços, e muitos outros (e mais esquisitos), sempre me intrigaram quanto ao meu relacionamento com o mundo. Eu sabia que não era fobia social, pois eu não tenho ansiedade ao interagir, eu tenho é um cansaço extremo depois da interação. Não é algo fácil de explicar, consequentemente vivia esgotada e não sabia bem o porquê. Quietinha, calada, tímida eram palavras que normalmente me atribuíam quando eu era criança, mas depois que eu cresci já ouvia coisas como: estranha, esquisita, diferente, fria, direta demais, sincera, distante e outras mais. Tudo isso me levou a mascarar (*masking*) muito do que sinto e como ajo no mundo, atitude essa que é muito comum entre mulheres autistas e torna o diagnóstico mais difícil. Desenvolvemos estratégias de compensação e adaptação (DACHEZ, 2021) para vivermos no mundo e não sermos alvo de zombaria.

3 Personagem da série e filmes *Star Trek*. Híbrido de uma humana com um nativo do planeta vulcano e que é guiado pela disciplina da lógica.

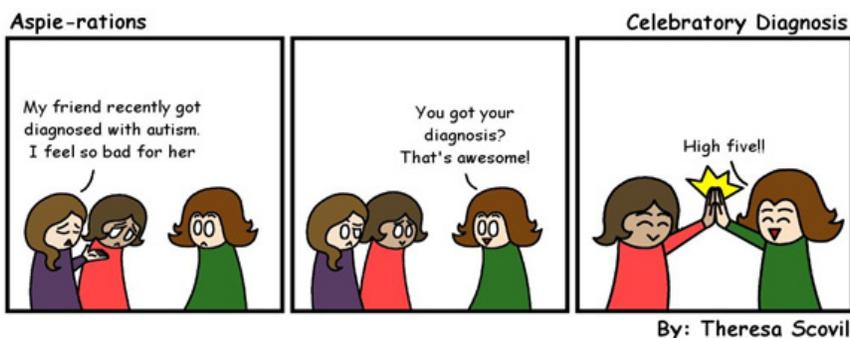
No entanto, minha diferença não era somente psicológica, os traços físicos, principalmente sensoriais, são bem destacados. Barulhos, me causam uma dor que parece física; preciso tirar as etiquetas de todas as roupas, sendo que algumas, dependendo da textura, nem consigo usar; meu olfato é meu sentido mais aguçado, conheço muitas pessoas e ambientes pelo cheiro e já tive que sair de locais onde, ninguém estranhava muito, mas algum odor me incomodava demais; a primeira coisa que faço em telas eletrônicas é diminuir o brilho e tirar aqueles infernais sons de teclas ou de sistema, entre outras coisas. Obviamente que as pessoas ou criavam uma desculpa, “tens olhos claros, por isso a sensibilidade à luz”, ou me achavam cheia de manias, “ela é ranzinza assim mesmo”.

Essas particularidades que mencionei não abrangem a mínima parte de tudo o que me compõe como autista. A lista é enorme, de pequenas manifestações que, separadas em pequenas quantidades ou intensidade, existem em boa parte dos seres humanos. E isto é importante ressaltar: ninguém é autista por apresentar apenas alguns desses sinais, o conjunto é mais marcante do que itens isolados, é bom avisar. O diferencial é a quantidade, frequência e intensidade.

E, como sempre fui de um mundo interior efervescente, procurava me entender. Primeiro me disse reservada, porque tímida, sei que nunca fui. Depois, descobri a introversão em uma perspectiva mais estrita (JUNG, 1971), não aquela que o senso comum identifica como timidez ou fobia social, e me classifiquei como introvertida. Isto durou até 2019 quando comecei a ler e ver relatos de autistas adultos. Fiquei pasma, pois me identificava com a maioria dos traços relatados. Até então, eu tinha a concepção majoritária do estereótipo do autista: crianças e com comportamentos de autismo clássico (não falante, sem estabelecer interações, que frequentemente exibem autoagressão etc.).

Depois de muito refletir, decidi ser avaliada, para tirar a dúvida. E aí começou uma peregrinação, pois a imagem de que só crianças com autismo “severo” existem não vem do nada. A maioria dos neuropsicólogos e psiquiatras trabalham quase que exclusivamente com crianças. Detectar, em um adulto que, de uma forma ou outra, se adaptou (a que custos!) à sociedade vigente, não é tarefa fácil. Existe muita camuflagem que vai sendo construída para que não sejamos apontados como os esquisitos, rabugentos, cheios de mania, ranzinzas. E nem todas funcionam totalmente, pois é extenuante fazer este esforço durante todo o tempo.

Encontrei uma neuropsicóloga, a Covid-19⁴ chegou, deixei um pouco de lado a questão porque outras coisas estavam ocorrendo no mundo e na minha família por causa da pandemia e só quase dois anos depois pude fazer as avaliações cognitivas e comportamentais. BINGO! Diagnosticada ou confirmada, escolham a palavra, com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas o fato é que tudo fazia sentido a partir dali.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.

Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

⁴ Do inglês *coronavirus disease*, nome oficial da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2, do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Sou autista, e daí?

*“Preconceito!
Já causou muito mal
Quem elege
Seres que decidem o que é normal
(...)
Preconceito!
Não faz bem a ninguém
E sem ele
Penso o que seria do poder.”*

- Via Negromonte, canção Preconceito

O diagnóstico, reconhecimento, confirmação de que sou autista, também trouxe algumas surpresas. Desde que comecei a desconfiar, pensava se deveria revelar a situação, caso fosse detectada. Depois de muito ler e pensar, decidi não esconder. Passei a vida inteira me camuflando entre as pessoas neurotípicas e já estava muito esgotada de sempre ter que encontrar uma desculpa ou mesmo aturar coisas que me fazem mal, como barulhos, eventos em interação muita gente com a qual não tenho familiaridade, luzes e outras sobrecargas emocionais e sociais.

O estranho foi ver a reação das pessoas que me eram mais chegadas e as expressões de espanto, em alguns casos até um certo horror, quando me declarei autista. Alguns me aconselharam a tentar uma segunda opinião⁵, desconhecendo o quão difícil é encontrar profissionais que façam esta

⁵ E, sim, busquei uma médica psiquiatra, diferente da equipe da neuropsicóloga, e o diagnóstico foi o mesmo.

avaliação, demonstrando uma negação, como se fosse algo negativo. Uma ou duas pessoas ensaiaram comentário como “é bom se conhecer, né?” ou “conte com a gente”. A reação de quase todas as pessoas foi desconcertante. Alguns dos comentários foram: “tu és empata, não és... ISSO!”, “mas a tua vida não muda em nada!” ou, o mais desalentador, quando as pessoas desviaram do assunto. A maioria simplesmente não comentou, sem dizer ou perguntar nada. Silêncio. Corte. Vácuo. E não estou falando só de estranhos, mas também de pessoas que são importantes para mim.

Tento racionalizar que podem me ver vivendo minha vida de forma autônoma, me sustento, sou independente, e devem pensar que o diagnóstico está errado, de que estou “me fazendo” ou de que isto não é importante. Mas não seria mais humano perguntar? Saber como me sinto, como foi durante todo este tempo e o que podem fazer para tornar a minha vida mais suave? As pessoas nem devem saber como é o autismo em adultos, nas suas variadas formas de manifestação, e ainda assim não demonstram nenhum interesse em aprender. Por quê? Será medo?

Só obtive o verdadeiro acolhimento de uma pessoa já diagnosticada e de outra que apresenta vários traços autistas. Autistas se apoiam de uma forma até inconsciente? Não sei, mas parece. Depois somos rotulados como não empáticos, aham, sei, claro... em minha visão, muito particular, sinto profundo senso de comunidade e experiências compartilhadas com autistas adultos que, atualmente, são rotulados na linguagem médica como leves (requerem suporte mínimo em suas atividades diárias) e que, antigamente, poderiam ser ditas como tendo a Síndrome de Asperger.

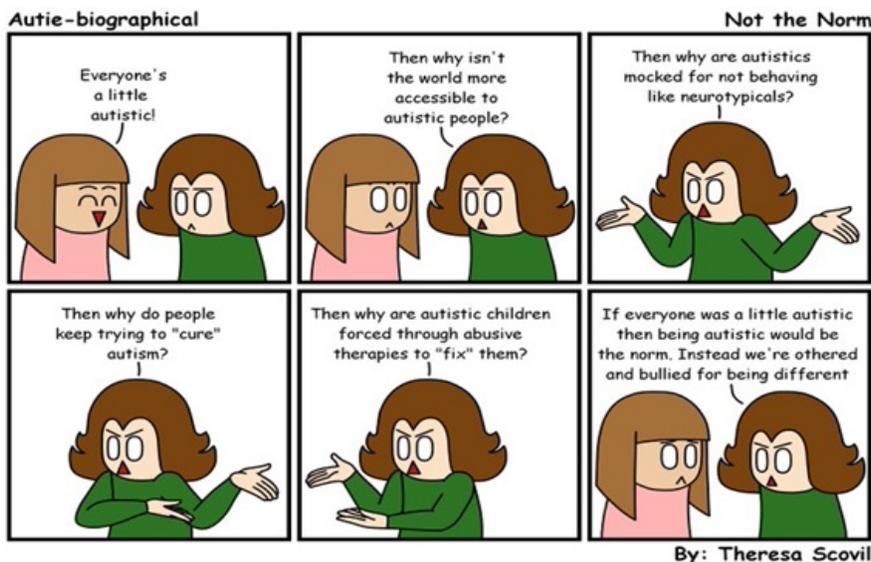
Falando em categorização, nem vou tecer mais comentários sobre como a classe médica tem decidido, sem a participação de autistas, sobre nós, mas as constantes mudanças de diagnósticos e denominações,

separando e agrupando, ao seu bel prazer, “tipos” de autistas tem gerado mais problemas do que aqueles que, supostamente, seriam eliminados ou minimizados.

Um exemplo paralelo disso é a divulgação que a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez de que vai substituir, na 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID11), a “senilidade” (código R54) por “velhice” (código MG2A), categorizando esta fase da vida como patologia. Por exemplo, toda pessoa que, mesmo que esteja saudável e com vigor, morra depois dos sessenta anos de idade, vai morrer da “doença” velhice. Absurdo, não? Estamos em um mundo em que tudo que não é o padrão (homem, cisgênero, branco, heterossexual, ouvinte, vidente, classe média, jovem) e... neurotípico, vira doença, transtorno, desordem. Alguém decide algo que vai nos impactar, sem nos considerar, por crerem que possuem autoridade para isto. Sem cooperação, sem nos chamarem para as discussões.

Uma consequência de se colocar tantas características e definições sob a mesma denominação de TEA é instigar uma briga, que não deveria existir, entre pais de crianças classificadas como autistas clássicas, de nível de suporte 3, e adultos com nível de suporte 1, muitos dos quais, seriam um tempo atrás ditos como tendo a Síndrome de Asperger. A diferença entre um autista não falante, com comprometimentos cognitivos sérios, dependente, não autônomo e que precisa de constante supervisão e um adulto que, mal ou bem, consegue ter certa autonomia, sendo que alguns são bem-sucedidos em seus interesses focados (hiperfoco) é enorme! Então os pais destas crianças não compreendem quando defendemos que o autismo pode ser uma diferença para nós, mas a causa deste embate foi criada na categorização médica!

Pelo desconhecimento do autismo, por sua complexidade e essas muitas mudanças em termos de classificação e abordagem, é frequente que as pessoas não só duvidem, mas até questionem se somos autistas.

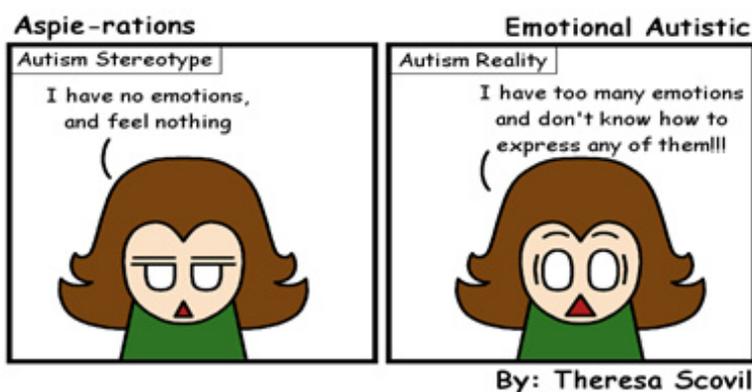


Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Eu vinha pensando, criando minha teoria, leiga, que o cerne do que se chama autismo: é uma questão de hipersensibilidade. Por motivos de constituição cerebral, neurológicos, bioquímicos, possuímos uma sensibilidade exacerbada. A mais notória é a sobrecarga sensorial. Eis que, em minhas leituras para conhecer melhor o tema dos autistas adultos, me deparo com a teoria do mundo intenso (MARKRAM; RINALDI; MARKRAM, 2007; MARKRAM; MARKRAM, 2010) na qual encontrei uma boa base para pensar que é mesmo assim. Nossas reações seriam uma espécie de mecanismo de defesa a nossa extrema sensibilidade.

Portanto, quem nos percebe ou avalia “de fora”, nos julga e classifica com sérios vieses e assim ficamos estereotipados no imaginário social.

Um exemplo disso, são vários websites, que não sei se estão desatualizados ou se realmente é ignorância, nos quais ainda encontramos frases como estas: “autistas não possuem empatia”, “autistas não têm sentimentos”, “se você não tem sofrimento por ser autista, então não é autismo”.



Fonte: Theresa Scovil em Autie-biographical.
Disponível em: <https://twitter.com/Teesy738>.

Diante deste panorama, muitas pessoas podem perguntar se eu não quero mudar alguns itens de meu comportamento que são vistos como obstáculos e eu penso: para quem? Porque acumular relações sociais superficiais pode ser desejável, em uma cultura latina brasileira extrovertida, por exemplo, mas para mim, as conversas fiadas que não acrescentam nada, são perfeitamente dispensáveis. Prefiro interagir com poucas pessoas, conhecidos, com os quais sei que terei uma conversa significativa para mim

Contrapondo a visão puramente médica, temos o movimento pela neurodiversidade (ORTEGA, 2008), termo foi cunhado por Judy Singer, em 1988, que é relativamente recente. Este movimento postula que, na espécie humana, não se pode falar de um tipo de funcionamento cerebral padrão, pois todos somos afetados por padrões sociais e culturais do que é aceitável ou não dentro de um determinado espaço e tempo. Em algumas sociedades é aceitável se enrolar em panos e se sentar no chão do aeroporto para meditar, ninguém pensa que aquela pessoa tenha algum problema. Em culturas diferentes é normal chegar na maturidade, depois de criados os filhos, e sair a caminhar, como um andarilho religioso e não é tido como algo desviante que necessita de tratamento ou cura. A definição do que é patológico, ou não, perpassa cultura, visão contemporânea dos corpos (e mentes!), perspectivas socioeconômicas etc.

Reflitam criticamente se muitos comportamentos exigidos na sociedade são realmente relevantes e para o bem de todos ou se é algum tipo de barreira colocada por outros motivos (estético, de classe, cultural). Sobre isto, podemos pensar na polêmica, no fim de 2021, que deixou muitos pais portugueses exaltados porque seus filhos estavam falando [português] brasileiro (LUZ, 2021). Por conta do confinamento, causado pela pandemia, boa parte das crianças portuguesas estava consumindo muito conteúdo da Internet, sobretudo do YouTube, e estavam não só com expressões brasileiras, mas até mesmo apresentando o nosso sotaque (prosódia). Este fenômeno levou os pais a classificarem como “vício, sinais de alerta, alarme, prejudicial, pânico social”, sendo que algumas crianças estão frequentando sessões de terapia da fala. Percebam que um comportamento perfeitamente natural, envolvendo

variantes da língua portuguesa (brasileira e europeia) foi rotulado a nível patológico por preconceito e boas doses de xenofobia.

Como trabalho na área de Libras (língua de sinais brasileira) e, conseqüentemente com surdos, sei que este embate é frequente: visão médica versus visão das próprias pessoas surdas. No nosso caso, das pessoas autistas, talvez já passe do tempo da área médica e até de alguns familiares se abrirem para um debate aberto com quem fala de dentro de uma comunidade, de quem é e vive a realidade de ser taxado de deficiente todos os dias. E não estou me referindo à expressão da vez, lugar de fala, pois acho que todos têm seu lugar de fala, mas em diferentes perspectivas: interna, das diferentes formas de ser diferente e externa, das pessoas que observam e convivem com o diferente.

Sou mais simpática ao movimento pela neurodiversidade, embora perceba, como pesquisadora, que existem algumas falhas e lacunas, assim como qualquer proposta. Ser neurodiverso ou neurodivergente não é algo intrinsecamente patológico.

Entender a espécie humana, primeiramente, como passível de diversas manifestações no mundo é chave para que consigamos evoluir em paz, com colaboração e não nos exterminemos por características que são esperadas e inerentes à espécie. Nossos sentidos captam e nosso cérebro interpreta de forma diversa, em cada ser. As culturas são diferentes e se transformam. O que era há mil, cem ou dez anos atrás, já não é mais. Pode parecer utópico, mas é essencial para a nossa espécie, abraçar a diversidade e normalizar o diferente.

E fora (e dentro) do Lattes, como isto funciona?

“Eu não sou sua inspiração, muito obrigada.”

- Stella Young⁶

A primeira decisão depois da confirmação de ser autista foi assumir ou deixar tudo como estava. Decidi ser abertamente autista, por diversas razões. Passei a maior parte de minha vida mascarando meus traços, me contendo e, mesmo assim, não pertencendo.

A partir de minha inserção acadêmica, também percebi que todos os meus estudos/pesquisas, fora mestrado e doutorado, são parecidos metodologicamente: cientometria, bibliometria, análises sistemáticas, revisões teóricas, estados da arte, evitando métodos em que eu tenha que interagir com sujeitos de pesquisa. Basicamente, sou levada a compilar o que já existe, analisar e sistematizar em busca de recorrências, padrões, consistências ou, ao contrário, encontrar incongruências. Até a minha extensão prioriza esta minha característica de reorganizar e de trabalhar de uma forma na qual eu não lide diretamente com o público.

Sim, dou aulas, participei de muitos eventos, mas, confesso, as interações com muitas pessoas não familiares me exaurem. Nas aulas é até melhor, porque eventualmente acabamos conhecendo os alunos e convivendo com eles em uma base regular. Já com pessoas que não conheço ou não compartilho interesses, o desgaste é muito grande. Eventos, eu parei de ir, pois a exaustão era maior do que as vantagens, interagir com turbas de desconhecidos é extenuante.

⁶ YOUNG, Stella Palestra proferida no TED Talks, Sidney (Austrália), abr. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8K9Gg164Bsw&ab_channel=TED. Acesso em: 26 nov. 2021.

Muitos gestores não têm sensibilidade para compreender que os colaboradores não são peças de uma fábrica. Que as diferentes formas de ser e de atuar são necessárias e produtivas para uma organização. Não é incomum que autistas sofram assédio moral no trabalho. Incomum é que estes autistas denunciem e o resultado é uma dificuldade extra na questão, já detectada, de que consigamos e nos mantenhamos em um emprego. Não assimilamos muito os filtros sociais, então ser direta, objetiva e sincera acaba sendo uma desvantagem nesta nossa sociedade. Percebam que eu disse que não é uma desvantagem absoluta, e sim neste tipo de sociedade na qual vivemos. Outra questão é não percebermos que não conseguirmos detectar algumas nuances na linguagem e nos comportamentos pode nos tornar alvos fáceis para perseguição e intimidação, principalmente, no ambiente acadêmico, onde o orgulho, no mau sentido, e ego exacerbado não são tão incomuns.

Existem várias adaptações que poderiam ser permitidas no ambiente profissional para alguns autistas. Por exemplo, se a pessoa é boa na linguagem escrita, por que não a colocar no atendimento de demandas online; se tem dificuldades em atender, de forma próxima, muitas pessoas estranhas em um evento, pode perfeitamente cuidar da distribuição de panfletos ou avisos em murais; se possui facilidade em escrever sobre suas pesquisas, porque ela não pode se dedicar a este tipo de produção em vez de criar situações em que vai ter que lidar com complexos rituais sociais, como em cargos de gerência?

Só tive a confirmação de meus traços pouco habituais, de minha maneira de ser e estar no mundo. Isto não me torna menos ou indesejável. Nem eu, nem qualquer outra pessoa que viva a sua vida. Não sou um milagre e nem quero estar associada à palavra superação, porque ela coloca

todo o trabalho nas costas de quem já é desprivilegiado pela sociedade, essa sim, que devia se superar.

O que foi, e ainda é considerado como uma mania, implicância, mau humor ou chatice minha é, afinal, a maneira como meu cérebro funciona, não é uma questão de escolha ou de eu fazer esforço. Quando é possível, optar por ter outras atitudes é me condenar à exaustão, desencana e eterno fingimento de ser quem não sou.

Muitas pessoas podem se esquivar com um “mas eu não sabia que tu eras autista!”, mas eu pergunto: é preciso alguém ser autista para termos consideração, respeito e exercermos a gentileza?

Tem muita gente lucrando com o autismo, sem realmente entender ou viver profundamente o assunto, mas também muitas pessoas tentando esclarecer a sociedade e, destes, destaco os próprios autistas adultos que estão dando seus depoimentos e mostrando como realmente é a nossa vida. Sem listas de estereótipos elaboradas por quem nos vê de fora e com um olhar de que somos humanos errados e que precisam de conserto.

Se há algum fechamento para este texto, seria deixar esta mensagem de que nós, da espécie que se diz humana, ainda somos quase que totalmente animais. E não pensem que desconsidero as qualidades de nossos irmãos animais, ao contrário. Só que a humanidade, orgulhosamente, se presume em uma categoria acima deles e sempre inventa características que, supostamente, nos diferenciariam deles. Todas caem, uma após a outra, com o passar dos anos, mas, se queremos nos destacar de alguma maneira, deveria ser por nossa capacidade de agirmos baseados em nossa razão crítica e intuição racionada, por mais paradoxal que possa parecer. Só nos tornaremos verdadeiramente humanos por nosso esforço e vontade. Não o esforço árduo, mas aquele de deixar ser, deixar fluir,

nos despojando de convenções inúteis e somente estabelecidas para nos dividirem. Este vir a ser humano depende de nos irmanarmos e nos solidarizarmos com todos e modularmos nossa fala e ações na gentileza e no bem comum. E isto, ninguém decreta, nós mesmos temos que nos trabalhar internamente, cada um de nós.

Referências

DACHEZ, Julie. **A Diferença Invisível**. Ilustrações por Mademoiselle Caroline. Tradução de Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2021.

JUNG, Carl G. **Tipos Psicológicos**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LUZ, Paula Sofia. “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”. In: **Diário de Notícias**. Lisboa 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MARKRAM, Henry; RINALDI, Tania; MARKRAM, Kamila. **The Intense World Syndrome – an Alternative Hypothesis for Autism**. *Front Neurosci*. 2007 Nov; 1(1): 77–96. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2518049>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MARKRAM, MARKRAM,. The intense world theory - a unifying theory of the neurobiology of autism. *Front Hum Neurosci*. 2010 Dec 21;4:224. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnhum.2010.00224/pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OMS – Organización Mundial de la Salud. Clasificación Internacional de Enfermedades. **Undécima revisión (CIE-11), 2019/2021. Licencia de Creative Commons Attribution-NoDerivatives 3.0 IGO (CC BY-ND 3.0 IGO)**. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *MANA* 14(2): 477-509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PARREIRA, Ana. **Gente Asperger**. Livro I. Campinas: Russel, 2015.